

A Associação de Mulheres do Alto Rio Negro em Manaus surgiu no ano de 1984 pela iniciativa de uma antropóloga norte americana Janet Chernela, que no período de 1978 a 1985 trabalhou no Alto Rio Negro sendo funcionária do INPA: Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia. Os muitos contatos no alto R. Negro, no período em que fazia suas pesquisas naquela região, permitiu-lhe identificar e conhecer os familiares de muitas mulheres índias que se tinham mudado para Manaus. Nessa cidade, a antropóloga interessou-se por elas e, percebendo sua situação de domésticas em condições gritantes de exploração e de solidão distantes dos familiares e sem perspectivas de voltar, vítimas de preconceito e discriminação, começou a hospedá-las em casa, criando para elas um local de encontro.

O ponto de partida para a criação da Associação foi a constatação pela antropóloga de que as mulheres, ao saírem de um emprego, não tinham muitas vezes para onde ir; outras vezes, doentes e/ou gestantes, com enorme dificuldade de arrumar outro trabalho imediatamente, viam-se forçadas a entrar na prostituição, indo morar em condições miseráveis na periferia da cidade.

O objetivo primeiro da Associação foi reunir as mulheres, criar para elas em Manaus um ponto de referência e de apoio onde pudessem discutir e analisar conjuntamente os seus problemas, na busca de soluções.

O trabalho do CIMI Norte I com as mulheres índias em Manaus começou a se concretizar no início do mês de maio de 1986, a partir de contatos com o INPA, quando tomamos conhecimento da ida definitiva da Janet Chernela para os Estados Unidos tendo deixado de trabalhar no INPA e conseqüentemente junto à Associação.

Depois de longos meses sem se reunirem e sem um trabalho mais programado, as mulheres ainda desanimadas resolveram iniciar as atividades... A partir do mês de agosto/86 começaram providenciar a montagem de teares para a confecção artesanal de bolsas, tapetes, etc. É que a tecelagem, entre os vários desejos manifestados pelas mulheres desde as primeiras reuniões, passou a representar a perspectiva mais viável dentro da proposta da associação. Esta atividade oferece possibilidades concretas de contribuição na complementação salarial e na auto-suficiência econômica da própria associação, pela potencialidade do mercado de peças de algodão, tucum e outras fibras. Além disso, trata-se de um trabalho que a maioria quer fazer, com a vantagem de que as tecelões existentes se dispõem a transmitir às outras seu saber. Embora seja uma atividade que as mulheres índias podem desenvolver apenas nos fins de semana, ela representa um meio eficiente de organiza-

CEDI - P. I. B.

DATA 16/05/99

CD. 740.072.3

ção e união que poderá contribuir muito no processo de conscientização das mesmas.

As reuniões da Associação vêm-se constituindo num espaço em que as mulheres índias sentem-se incentivadas a expressar outras preocupações e desejos. Assim, duas novas propostas já começam a apresentar formas mais concretas.

1º - A organização de uma creche para os filhos das associadas, em que a coordenação e orientação sejam assumidas por elas mesmas e que atenda ao seu desejo de verem os filhos falando a língua indígena materna. As poucas oportunidades que lhes sobram têm dificultado às mulheres transmitir aos filhos o manejo fluente da língua nativa.

2º - O treinamento sistemático de saúde nas áreas de ginecologia, obstetrícia, pediatria, parasitologia, doenças venéreas e outras. Desconhecendo bastante a realidade do mundo do "branco" em que convivem, elas contraem com facilidade muitas doenças; necessitam de orientações de como e para onde se dirigir para tratamentos e prevenção. Já foi feito por elas uma pesquisa nos hospitais de Manaus para conhecer os locais e especialidades, as formas e condições de tratamento e atendimento. Algumas mulheres, que vêm do Alto Rio Negro a Manaus para tratamento de saúde, buscam a Associação como referência e apoio. Permanece ainda a necessidade de um conhecimento mais aprofundado de seus direitos quanto à assistência médica, principalmente pelo fato de não serem inscritas no INAMPS: Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social..

Se a creche está ainda apenas idealizada, o treinamento de saúde já começa a se efetivar. A partir de contatos com alguns médicos e hospitais da cidade, programou-se para o primeiro semestre de 1987, para as mulheres da Associação, um curso sobre doenças venéreas.

Um outro aspecto que tem sido considerado pela AMARN é o legal, tendo em vista sobretudo a formulação do Estatuto da entidade. O advogado Felisberto Damasceno, assessor jurídico do CIMI, prestou-se a encaminhar o processo de discussão e elaboração, oferecendo subsídios para que as mulheres possam amadurecer as idéias sobre legislação e o porquê do estatuto.

Durante a programação das atividades da Associação o nosso trabalho tem sido sempre no sentido de respeitar e incentivar os valores culturais das mulheres índias, principalmente o uso da língua materna. Sempre que elas se encontram, a comunicação se dá na língua Tukano, da qual todas têm o domínio. Os encaminhamentos e decisões são posteriormente comunicados na língua portuguesa. Obrigadas a se ater ao português na convivência com os patrões, as mulheres índias vêm na Associação um espaço em que elas, de alguma maneira, conseguem voltar às origens.

As mulheres índias, vindas do Alto Rio Negro para Manaus, são originárias de vários grupos indígenas daquela região. Elas pertencem aos grupos Tukano, Dessoano, Tuyuka, Piratapuaia e outros "índios do rio", sobretudo do Vale do Uaupés. Segundo estimativas da antropóloga Janet Chernela, elas são aproximadamente 350 e, de uma forma ou outra, trabalham como domésticas na cidade de Manaus. Cerca de 10% deste contingente de mulheres índias participam da AMARN. Todas elas passaram pelas escolas das freiras da Missão Salesiana.

Essas mulheres têm uma história semelhante. Ao atingirem a idade escolar, algumas já aos seis anos de idade, outras mais tardiamente aos doze, foram internadas na escola da missão, no centro missionário mais próximo de sua aldeia, e lá permaneceram até "terminar" os estudos ou "decidir" não estudar mais. Receberam no internato, além da "instrução", que vai até a 4ª ou 5ª série do 1º grau, ou, mais raramente até a conclusão do 1º grau e, excepcionalmente, do 2º grau, o treinamento para o trabalho doméstico, que inclui a cozinha, a costura, a lavagem de roupa, a faxina. Essas atividades tal como definidas em nossa sociedade, eram sempre realizadas pelas índias durante a sua permanência nas escolas, sob a supervisão das freiras. Agora, em Manaus, todas elas, independentemente do grau de estudo, trabalham como empregadas domésticas.

A maioria das mulheres demonstram algum desejo de voltar a morar no Alto Rio Negro, pela saudade que sentem da família, mas não vêem possibilidades de "encontrar emprego" na região. Já acostumadas a um modo de vida bem diferente do que é vivido pelas mulheres, suas parentes, que permaneceram na terra natal, acreditam que dificilmente se readaptarão ao trabalho pesado da roça. Assim, ora expressam o desejo de voltar a morar lá, ora dizem que não querem mais voltar. De fato, a cidade de Manaus tornou-se para elas o centro, o lugar onde mais se adaptam pela semelhança das condições climáticas e de alimentação, e onde elas podem se encontrar e, de alguma maneira, manter o vínculo com as origens.

Fato de grande relevância é o intercâmbio de notícias que se estabeleceu entre as mulheres índias do Alto Rio Negro em Manaus e também com a região de origem. Há uma intensa rede de comunicação entre as mulheres índias, mesmo com as que não participam da Associação, o que faz com que estejam sempre bem informadas tanto do que ocorre com elas em Manaus, como do que acontece no Alto Rio Negro.

O interesse das mulheres índias e sua preocupação pela terra indígena de origem têm-se intensificado a partir das notícias de invasões do Alto Rio Negro por garimpeiros e empresas mineradoras. As mais

interessadas, ou com melhores condições para isso, têm acompanhado também pelos jornais o que vem ocorrendo, trazendo o assunto para ser discutido nas reuniões da Associação. As mulheres revelam-se preocupadas, manifestando o receio de que seus parentes percam todas as condições de sobrevivência, de que o peixe acabe, de que a doença aumente e o "povo" - os seus parentes - acabe morrendo.

Manaus, 20 de fevereiro de 1987

Edna Maria de Sousa Damasceno
EDNA MARIA DE SOUSA DAMASCENO
CIMI norte I